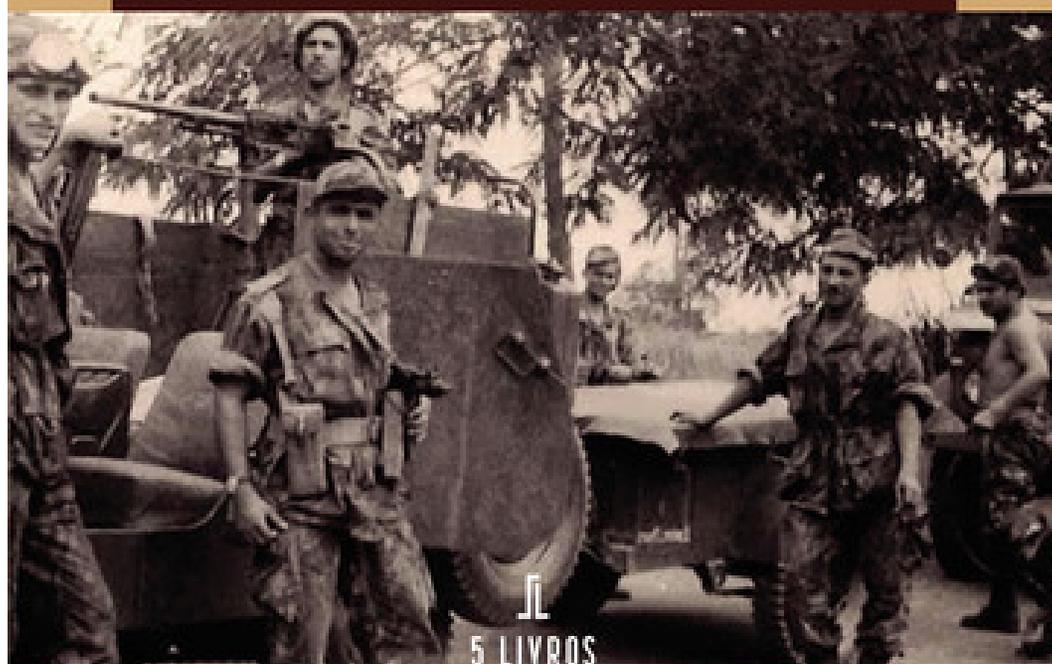


DANIEL COSTA

Amor
NA
GUERRA COLONIAL

(ANGOLA 1962/1964)



∩
5 LIVROS

Amor na Guerra Colonial (Angola 1962 / 1964)
Daniel Costa

© Daniel Costa , 2021. Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro é da inteira responsabilidade do autor.

Revisão: Do autor

Impressão e acabamento: Líberis – Print on demand

1.ª Edição: Junho de 2021

ISBN [Edição Impressa]: 978-989-782-323-7

ISBN [Edição Digital]: 978-989-782-324-4

Depósito Legal N.º 484876/21

5 LIVROS

Rua da Boavista, 719, 1.º T

4050-110 Porto

Telef.: 222 038 145

Tlm: 919 455 444

www.5livros.pt

info@5livros.pt

Índice

Duas Palavras	9
Prológo	11
De Faro a Luanda	15
Estágio no Grafanil	22
Região dos Dembos	28
Lifune - Tari	33
Libertações e a primeira baixa	38
Em Nambuanguongo.....	42
Vista Alegre	48
Guia Lopes Cabanda	53
A magia do rio Lifune.....	59
Discos Pedidos	66
No dia do Santo de Assis	73
Ícones da guerra	78
A comunicação social	83
Desastre evita ataque	89
Três-Marias - Luaca	93
Serviço permanente.....	97
Comunicações operacionais	100
Jogo na guerra	104
O mítico Morro da Pedra Verde.....	108
A cidade da Gabela	115

Gabela – Amboim	119
A montanha e a cidade	124
Guerra e divertimento.....	128
A viagem	134
Até à margem do Luachimo	137
Dundo e Portugália	141
Casa do pessoal da Diamang	145
Abastecimento em Saurimo	149
Planalto da Lunda	153
Abastecimento pela Diamang	157
Indícios de terrorismo na Lunda	161
Sublevação e “Cachipemba”	165
Cultura do alambamento	170
Justiça em tempo de guerra	173
Praças heróis.....	177
Adeus até ao meu regresso	181
Louvores em fim de comissão	184
Da Portugália ao Grafanil	189
Muita gente faz a guerra	191
Regresso de Angola	194

Duas Palavras

O Jornal da Amadora publicou de 1 de Janeiro do ano de 2006 a 15 de Fevereiro de 2007 as crónicas de Daniel Costa enquanto militar mobilizado em comissão de serviço no norte de Angola a fim de combater na guerra colonial.

Tudo começou nos primeiros meses de 1962 e vai desenrolar-se até Abril de 1964.

O relato assume-se sempre de forma objectivada e pormenorizada.

A escrita diarística encontra aqui um representante válido porquanto os acontecimentos militares não podem excluir as relações de casualidade. Trabalhos desta índole representam na micro estória a busca de significantes e interrogam-nos.

A figura do soldado Onofre (Daniel Costa), nestas crónicas revela uma continuidade complementar na postura que se propõe a si próprio ao longo do relato, na procura, conseguida, de informar e informar-se.

Perpassam nestas páginas breves alusões, embora, a personagens conquanto alheias à guerra colonial relevam de contemporaneidade (De Gaulle e Montgomery).

Todo o descritivo situa-se na ambiência geográfica africana – a negritude – na sua carga milenar; esta assimila-se à presença portuguesa gerando a miscigenação.

O acervo de dados a partir do Esquadrão 297 é impressionante: o real quotidiano, as obrigações da guerrilha. o outro. A Breda e a

Mauser, o alojamento, os acampamentos, as refeições, o convívio entre militares, o lazer, as “madrinhas” de guerra.

Os desfiles. A sexualidade na ambivalência das recordações femininas e as “derivações” na mulher africana.

Por fim a aurora da libertação.

Onofre (Daniel Costa) coloca-nos perante as memórias das vivências insuspeitadas destes actores.

Deles e dor do outro, visto que a memória é recíproca.

Necessariamente.

A. M.

Prológo

A quatro de Fevereiro de 1961, grupos de guerrilheiros protagonizaram ataques à Casa de Reclusão, ao quartel da P.S.P. e à Emissora Oficial de Angola. Actos que passaram a ser considerados o início da guerra de Angola.

Os canais de informação de que dispunha o Estado indiciavam que ia começar uma luta sem quartel, para libertação de todo o Ultramar, administrado pelo governo português.

Foi já nesta conjuntura, que em 1959 teve lugar a minha inspecção militar. Confesso que me agradou o apuramento para “todo o serviço”, à época a passagem pela vida militar por quem vivia como trabalhador rural, era considerada assim como uma “Universidade”, visto que traria um certo desenvolvimento para o intelecto.

Aceitando trabalhar na ceifa, de sol a sol, durante três dias de quarta a sexta, com a diária de cem escudos a competir com as grandes feras da jorna, quando em tempos de aperto, como era o caso, o máximo que se podia alcançar cifrava-se em trinta, tinha como ideia subjacente juntar o dinheiro para futuros gastos na tropa.

Naquele tempo as repartições atendiam ao sábado.

Havendo já mancebos a emigrar clandestinamente, para fugirem à miséria e à guerra do Ultramar. Nessa sexta uma patrulha, montada em bicicleta foi verificar o que se passava comigo.

Dirigiram-se logo à autoridade máxima da terra, o cabo chefe, que era por acaso vizinho e familiar, na sua loja serviu uma bebida a cada, perguntado o que poderia haver de menos bom.

Soube logo o porquê, soltando uma risada:

– Mas esse rapaz anda no trabalho, naturalmente para arranjar algum dinheiro, para encarar a nova situação, fiquem descansados que amanhã de certeza irá levantar as guias.

Mais nenhuma acção foi levada a efeito. Mesmo assim o amigo que representava o governo na terra, apareceu pela hora da ceia a contar o sucedido.

Ficou com a certeza que tudo se passaria como garantira aos elementos da patrulha.

Por mim, achei que iria ter a oportunidade de deixar a agressividade do meio, como sempre desejei ir muito mais além, pelo menos se o destino fosse a Lisboa dos meus sonhos.

Não acontecia assim, no entanto a ideia de mudar a existência para uma nova dignidade nunca me saiu do pensamento.

Em Junho de 1961 assentei praça na cidade de Elvas, até aí ninguém nascido naquela aldeia do Oeste, tinha iniciado a tropa numa terra tão distante, normalmente ia-se para Caldas da Rainha ou Lisboa.

Cheguei à estação de Santa Eulália, de comboio na madrugada de dezoito. Camionetas de caixa aberta enviadas do quartel do destino esperavam os muitos jovens que aportavam, uma vez que chegavam ali cerca de mil e seiscentos homens e o estabelecimento militar, aquele novo mundo dista cerca de cinco quilómetros.

Desembarcado de madrugada, integrei-me imediatamente num grupo. Como era muito cedo, demos um giro ao típico mercado da cidade de Elvas, onde logo tratámos de tomar o pequeno-almoço, constituído por sardinhas assadas na brasa. Pareceram as melhores que até então degustei.

Ainda escuro, fomos deambulando, por aquele verdadeiro miradouro, donde se avistava Badajoz. Tudo o que observava era um deslumbramento, pela primeira vez estava a conhecer uma cidade.

Até que, pelas nove horas, sempre em grupo, lá rumei ao quartel de Infantaria, para as formalidades de entrar na vida militar.

Uma rápida sucessão de acontecimentos faziam suspender a respiração, pois de um momento para o outro, todo o modo de estar se tinha invertido.

Começou com a distribuição do fardamento, o cabelo que pensava estar suficientemente curto, depois de inspeccionado foi alvo de novo corte para ficar quase rapado, a seguir o banho, que tinha de passar por todos, para de imediato começar a preparação militar.

Veio o meio-dia e o almoço. Como havia duas companhias de recrutas, cada de oitocentos homens, uma enchia o grande refeitório, que abandonava imediatamente após a refeição, dando lugar à outra, em segunda leva de comensais.

Era altura de alguns dizerem que mais valia andarem a cavar chão seco, do que suportar aquele inferno, isto originou o meu comentário:

– Pois é... se ao menos tivessem experimentado o trabalho do campo, não pensavam do mesmo modo.

De facto ao fim de três dias tinham-se-lhes acabado os fundos e era vê-los esganados a comerem, talvez melhor de que ninguém, no refeitório, abominado dias antes.

Durante as sete semanas de recruta em Elvas, algumas vezes ouvi superiores comentar, que todo aquele aglomerado de homens já estava destinado ao Ultramar.

Não queria crer no que ouvia e questionava para os meus botões:

– Então?

– Quem fica cá a tomar conta de posições militares?

No último dia, febril com anginas, evitei a consulta médica, pensei ir a doentes já noutra cidade, visto que não queria perder o novo lance constituído pela mudança.

Resultado:

– Nesse mesmo dia, talvez por se registar um calor tórrido, desmaiei, só vindo a acordar no hospital militar de Elvas.

Ao fim de rápida convalescença, depois de ter ficado ainda uma noite no quartel original, apanhei uma carreira regular para a cidade de Estremoz.

Em Estremoz num pelotão comandado pelo Alferes Fidalgo, este foi dizendo que depressa seríamos mobilizados e viriam, entretanto novos comandantes, para formar um Batalhão a partir já estruturado.

Ele não iria pelo que não imprimiria rigor à instrução, se fosse queria um núcleo bem preparado fisicamente.

Poucos dias depois chegaram, de facto os oficiais superiores que constituíram o Batalhão 345.

Era comandado pelo Tenente-Coronel António de Spínola.

O Esquadrão 297, a que pertenci, nos primeiros dias de Outubro de 1961, recebeu o novo fardamento camuflado, cuja devolução acabou por ser feita na mesma tarde.

Por ter o comandante mais novo, aquela fracção de unidade, acabou por deixar o Batalhão, tendo ido com a sua tropa, para o quartel de Faro aguardar embarque.

Substituí a outra, cujo comandante reivindicou a troca, uma vez que estava há muito à espera de embarque.

O comandante do novo Batalhão, o 350, foi o Tenente-Coronel Costa Gomes, irmão do Marechal, que foi Presidente da República, do mesmo apelido

Curiosamente, neste já fora integrado o citado Alferes Fidalgo, que no Grafanil, a fim de se livrar da tropa e de intervir no mato, pressupostamente por acidente, furou um pé descarregando um tiro com a arma que lhe estava distribuída.

De Faro a Luanda

No princípio da noite de 11 de Janeiro de 1962, o cais de embarque ferroviário de Faro esteve apinhado de gente. Era a primeira vez que um comboio especial de tropas, com a ainda inédita farda camuflada partia dali rumo à guerra do Ultramar.

Tratava-se de um Esquadrão que estivera no quartel de Infantaria daquela cidade, aguardando embarque, tal como uma Bateria de Artilharia, vinda do Porto que ali estacionara também.

Era preciso ter em conta que muitos militares eram algarvios.

Além da proximidade de alguns, aconteceu que outros ao passarem por ali cerca de três meses de juventude, com fardas nunca antes vistas, a atracção e desenvoltura do elemento feminino local fez com tivessem ficado bastantes namoricos que, obviamente, se apresentavam com alguns familiares a engrossar a despedida da leva de soldados.

O mesmo comboio servia de transporte directo até à Rocha do Conde Óbidos, em Lisboa, onde o velho paquete “Niassa”, uma parte destinada a passageiros, o restante feito para cargueiro, estava fundeado para levar um grande contingente militar rumo a Luanda.

Chegados ao alvorecer do dia doze, via directa àquele porto.



Embarque no Cais Conde de Óbidos

Cumpridas as praxes militares, o paquete deixando a cais, primeiro lentamente, depois conforme ia deixando o porto, ia tomando a navegação normal. Até que, deixou de se avistar terra.

.Duas lágrimas teimosas a correrem pelo rosto de Onofre, que depois foi instalar-se nos seus aposentos:

– Um espaço que dava apenas largura para um militar se entender e pouco mais para colocar os seus pertences, resumidos a dois sacos de lona, onde se armazenava toda a roupa de campanha.



Navio Motor Niassa, misto de cargueiro e transportador de passageiros

O Tejo estava bravo naquele dia de Janeiro, as escadas que davam acesso aos porões transformados em casernas, onde tinha de passar a tropa, em breve se encheram. A maior parte dos estômagos não suportou, as condições do mar que provocavam um forte baloiçar do navio.

Depois de ter tomado conta da sua posição, Onofre não pôde deixar de sentir uma certa nostalgia, que se misturava com um certo sabor aventureiro há muito acalentado.

Havia de regressar para jamais sentir o pó da terra, jurava mesmo que deixaria de ser um “coitadinho”, um trabalhador rural, como muitos sem saberem o que é ter palavra, ali iam sem direito a saber porquê ou para quê.



O autor a bordo do Niassa

De relance olhou o passado. Tinha a força suficiente para ter sido já “um dos homens das mãos grandes”, como a sua mãe desejara.

Naqueles tempos um trabalhador rural que se destacasse, em épocas de muito trabalho, chegava a receber cem escudos de jorna diária, enquanto normalmente, nos mesmos tempos de aperto, a tabela nunca passava dos trinta escudos.

Na zona donde era oriundo geralmente a diária de sol a sol, não passava de vinte e cinco escudos,

Foi assim, que o Onofre, nos três dias de trabalho remunerado (fora das pequenas courelas familiares), arranjava os trezentos escudos, que juntara a alguns trocados das suas parcas poupanças para a vida militar, que há pouco iniciara.

Já embarcado, contactos de resultados promissores, tornaram a vida a bordo, tornara-se razoável para Onofre.

Duma apresentação resultou, a troco de alguma ajuda na cozinha, ganhar o privilégio de fazer as refeições na copa do próprio navio, o que evitava o rancho geral e as próprias marmitas militares, um desconforto para quem viajava no mar alto durante doze dias.

Naqueles tempos de Janeiro de 1962, vividos a bordo, entre distribuição de armas de guerra, alguns exercícios militares, muitos olhares nostálgicos e melancólicos inspirados pelo grande oceano, jogava-se diariamente a sueca.

Um jogo de cartas, tornado doloroso porque consistia numa bandeirada de cinquenta escudos por cada risco perdido. Porém o homem saiu-se bem dessa perigosidade.

Aquela grande aventura passava-se noutros tempos, em que os homens eram submissos a estes destinos

Uma coisa ainda era lembrada da escola, foi o ensejo de por alturas do Equador, poder observar peixes voadores.

Cardumes de peixes voando.

A passagem do Equador foi assinalada festivamente, com a contribuição da orquestra residente, como tal, também acompanhava a expedição marítima, com todo o aparato de festa.

Porém a representação maior foi exibida por vários militares que viajavam a caminho da guerra.

Tudo corria, apesar de o “Niassa” transportar cerca de dois mil e quinhentos homens, quando fora concebido apenas para cerca de seiscentos, mais mercadorias.

Em resultado, podia falar-se de um barco, em que uma parte fora transformada, destinado ao transporte de “condenados”, tanto mais que tudo quanto fosse praça tinha além do péssimo alojamento, de se servir da cobertura para refeitório, tendo o respectivo estojo militar de campanha como talher.

Por outro lado, atingido o Equador, o calor era demasiado. Para a classe das praças, os tempos para banhos em grandes compartimentos eram limitadíssimos, dado haver tantos homens, para a pouca água possível de transportar armazenada.

A refrigeração era feita por mangas, vindas do alto, a entrar nos porões transformados. Em resultado, apesar dessa criatividade, a frescura que supostamente chegaria, foi sempre nula.

Entre conversas, ver mar, somente mar, durante doze dias, chegou finalmente a tão ansiada véspera de entrada em Luanda.

Toda a gente entrou em euforia, tal era o desejo de pisar terra firme!

Enquanto a cobertura da nave se enchia de homens desejosos de voltar a avistar terra, nos porões transformados em casernas, algumas das estreitas tarimbas, que serviam de cama ou enxerga, estavam outros pela última vez até que começou a soar o alarme de fogo a bordo, pela estreita escadaria que servia o porão, os circunstantes subiam debaixo de inúmeras faúlhas, vendo com certo pânico o que se passava.

Foi posta à prova a coragem da tripulação, que acabou por extinguir o fogo que chegou a expelir fortíssimas labaredas.

Logo por cima do porão, que calhara ao Onofre, tinham sido edificados barracões de madeira, para armazenar os coletes de salvação que, distribuídos a todos os soldados, tinham sido já recolhidos em fim de viagem.

Na vigília da noite, à espera da chegada a terra, presume-se que alguém fumando, deixara inadvertidamente uma ponta de cigarro rebolar por uma das aberturas que havia na base a servir de